

NOMES VERNACULARES DE PLANTAS MEDICINAIS DA CAATINGA QUE FAZEM ALUSÃO A ANIMAIS: UMA INVESTIGAÇÃO ETNOBOTÂNICA E FITONÍMICA NO NORDESTE DO BRASIL

Raissa Martins Mota Meireles (UEFS)

Heitor de Oliveira Braga (UFERSA)

Eraldo Medeiros Costa Neto (UEFS)

Resumo

A etnobotânica, ao investigar os usos, significados e saberes populares relacionados às plantas, torna-se ainda mais significativa quando aliada ao estudo da formação dos nomes populares, que funcionam como signos folkcomunicaçãois. Partindo de uma revisão sistemática da literatura, conduzida conforme as diretrizes da declaração PRISMA, o presente estudo investiga nomes vernaculares zoofitonímicos de plantas medicinais da Caatinga, Nordeste do Brasil, buscando identificar e interpretar os zoofitônimos. O levantamento etnobotânico identificou uma ampla diversidade de plantas medicinais (137 espécies) cujos nomes vernaculares fazem referência a animais (54 zoônimos), revelando uma forte ligação simbólica e cultural entre a fauna e a flora do semiárido nordestino. Os nomes populares estão diretamente relacionados ao modo como as pessoas percebem, interagem e utilizam os recursos naturais ao seu redor, refletindo tanto o conhecimento prático quanto o simbólico. Conclui-se que a etnobotânica é um campo fértil para compreender não só o uso das plantas, mas também a forma como os seres humanos se relacionam afetiva, simbólica e utilitariamente com o ambiente natural que os cerca.

Palavras-chave: Zoonímia, Fitonímia, Saberes tradicionais, Plantas medicinais, Patrimônio biocultural, Caatinga.

Abstract

Ethnobotany, by investigating the uses, meanings, and popular knowledge related to plants, becomes even more significant when combined with the study of the formation of popular names, which function as folk communication signs. Based on a systematic literature review, conducted according to the PRISMA guidelines, this study investigates vernacular zoophytonymic names of medicinal plants from the Caatinga biome, Northeast Brazil, seeking to identify and interpret the zoophytonyms. The ethnobotanical survey identified a wide diversity of medicinal plants (137 species) whose vernacular names refer to animals (54 zoonyms), revealing a strong symbolic and

cultural connection between the fauna and flora of the northeastern semi-arid region. Popular names are directly related to how people perceive, interact with, and use the natural resources around them, reflecting both practical and symbolic knowledge. It is concluded that ethnobotany is a fertile field for understanding not only the use of plants, but also how human beings relate affectively, symbolically, and functionally to the natural environment that surrounds them.

Keywords: Zoonymy, Phytonymy, Traditional knowledge, Medicinal plants, Biocultural heritage, Caatinga.

1. Introdução

As plantas não são apenas objetos de uso: são sujeitos culturais, portadores de mensagens, experiências e identidades (DA-SILVA, 2025a).

A etnobotânica é um campo científico que estuda as relações entre seres humanos e plantas, valorizando saberes tradicionais essenciais à conservação da biodiversidade e ao patrimônio biocultural (MARSANDI *et al.*, 2025). O termo “etnobotânica” foi cunhado por Harshberger em 1895 para descrever o estudo das interações entre plantas e seres humanos, embora práticas semelhantes já fossem observadas desde a Antiguidade (RAI; ACHARYA; RÍOS, 2011). Mais recentemente, consolidou-se como ciência interdisciplinar, articulando conservação ambiental, saúde pública e valorização dos saberes populares, reafirmando seu papel na sustentabilidade e nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 (FERRARI; ZANK; HANAZAKI, 2024).

No Brasil, a etnobotânica é central à integridade dos ecossistemas, integrando saberes tradicionais (especialmente sobre plantas medicinais) a políticas públicas, fortalecendo comunidades e orientando o manejo sustentável local e regional (ALBUQUERQUE *et al.*, 2009). No semiárido nordestino, investigações científicas vêm evidenciando o uso de centenas de espécies nativas para fins medicinais, alimentares e forrageiros, o que atesta a profundidade e o refinamento do saber botânico regional (NUNES *et al.*, 2015). Nesse escopo, a nomenclatura vernácula de plantas medicinais reflete um sistema robusto de saber etnobotânico, assentado em atributos morfo-organolépticos, usos e analogias culturais (NAJEM *et al.*, 2024).

A etnobotânica, ao investigar os usos, significados e saberes populares relacionados às plantas, torna-se ainda mais significativa quando aliada ao estudo da formação dos nomes populares (COSTA NETO, 2008), que funcionam como signos folkcomunicacionais (DA-SILVA, 2025a). Essa associação permite não apenas a documentação e preservação do conhecimento tradicional, mas também contribui para a compreensão de aspectos ecológicos, morfológicos e simbólicos atribuídos pelas comunidades locais às espécies vegetais (SANTOS; COSTA NETO; ARAÚJO,

2023). Dentro desse contexto, os nomes vernaculares atribuídos às plantas medicinais assumem um papel relevante, revelando aspectos da percepção popular, do conhecimento ecológico tradicional e da relação simbólica com o meio. Especificamente, os nomes que fazem alusão a animais — denominados zoofitônimos — representam uma intersecção entre a flora e a fauna na linguagem popular, possibilitando análises de ordem etnolinguística, etnobotânica e etnozoológica (SANTOS *et al.*, 2024).

A classificação biológica popular é multidimensional e baseada em estruturas cognitivas complexas; embora distinta da taxonomia científica, é crucial para compreender as relações entre pessoas, plantas e ambiente (ZAMUDIO; HILGERT, 2015). Embora frequentemente subvalorizada pelos sistemas científicos formais (TURNER; CUERRIER; JOSEPH, 2022), a etnotaxonomia apresenta crucial relevância socioecológica, por articular a identidade cultural de povos locais à conservação de ecossistemas (CONSTANT; TSHISIKHAWA, 2018). Nomes como “pata-de-vaca”, “unha-de-gato” e “cipó-cobra” exemplificam esse tipo de classificação, que facilita o reconhecimento das espécies e contribui para a transmissão oral do conhecimento (SANTOS; COSTA NETO; ARAÚJO, 2023). Assim, a articulação entre etnobotânica e zoofitonímia preserva saberes tradicionais, esclarece dimensões ecológicas e simbólicas dos nomes populares e fortalece vínculos com a flora, apoiando educação ambiental e ações participativas com comunidades tradicionais (SANTOS *et al.*, 2024).

Diante dessa conjuntura, esta investigação científica teve como objetivo geral averiguar os nomes vernaculares zoofitonímicos de plantas medicinais da Caatinga, Nordeste do Brasil, compreendendo suas origens e significados. Especificamente, busca-se identificar e interpretar os zoofitônimos, contribuindo para a valorização do conhecimento etnobiológico e para a conservação da diversidade biocultural.

2. Metodologia

Foi realizada uma pesquisa qualitativa, de caráter etnobotânico e etnolinguístico, com foco na descrição e análise dos nomes vernaculares das plantas medicinais que apresentam referência direta ou indireta a animais. A investigação baseada em uma revisão sistemática da literatura, conduzida conforme as diretrizes da declaração PRISMA 2020 (Page et al., 2021), reconhecida internacionalmente por sua robustez metodológica. Os artigos científicos foram selecionados a

partir das bases de dados Periódicos CAPES, Google Scholar, Scopus e SciELO, escolhidas por sua abrangência e eficácia na coleta de estudos científicos relevantes (Bramer et al., 2017). Foram utilizados os seguintes descritores, combinados por operadores booleanos (Costa; Zoltowski, 2014): TITLE-ABSTRACT-KEYWORDS: “ethnobotany” OR “medicinal plants” OR “traditional medical system” AND “caatinga” OR “dry forest” OR “semi-arid” AND “Brazil”. Os critérios de inclusão dos artigos são: (1) estudos originais publicados em português, inglês ou espanhol; (2) trabalhos que apresentem nomes vernaculares de plantas medicinais; e (3) pesquisas realizadas no bioma Caatinga ou que especifiquem claramente a coleta de dados nesse contexto ecológico. Foram excluímos artigos de revisão, livros, teses e dissertações. Os artigos encontrados foram sistematicamente organizados em uma planilha do Microsoft Excel, eliminando-se as duplicatas. A busca se limitou ao período de 2000 a 2024, uma vez que os anos 2000 marcam o início da legislação que rege a ética em pesquisa com seres humanos no Brasil.

De acordo com os critérios de elegibilidade, os autores avaliaram e selecionaram os artigos relevantes, examinando os títulos, resumos e resultados, excluindo os que não atendiam aos critérios.. Os dados coletados incluíram: (1) informações sobre o artigo (autores, afiliação do autor principal, título e ano de publicação); (2) espécies mencionadas no estudo; (3) seus usos; (4) nomes populares; e (5) a localização geográfica do estudo. Posteriormente, os textos completos dos estudos selecionados foram revisados, e aqueles que não apresentaram uma lista detalhada de espécies e seus usos foram excluídos, tendo por fim, um total de 52 artigos selecionados.

Os dados extraídos foram analisados quali-quantitativamente, buscando identificar padrões de nomenclatura zoofitonímica, bem como relações simbólicas e linguísticas entre plantas e animais. Os nomes científicos das espécies botânicas foram conferidos utilizando as bases “Flora e Funga do Brasil” (2024) e “Plants of The World Online” (POWO, 2024) para garantir a precisão.

3. Resultados e Discussão

O levantamento etnobotânico identificou uma ampla diversidade de plantas medicinais cujos nomes vernaculares fazem referência a animais, revelando uma forte ligação simbólica e cultural entre a fauna e a flora do semiárido nordestino. Ao todo, foram registradas 137 espécies vegetais distribuídas em 46 famílias (Quadro 1). Os registros zoofitonímicos se referem a 54 zoônimos (nomes comuns de animais), distribuídos em seis grupos taxonômicos: mamíferos (28 zoônimos),

ECO-REBEL

aves (16), répteis (6), peixes (2), anfíbios (1) e insetos (1) (Figura 1). Registra-se um total de 146 menções a referentes zoológicos – por exemplo, o zoônimo boi aparece 15 vezes na formação de nomes populares de plantas medicinais, enquanto bode aparece 13 vezes e gato, 6. A taxonomia das espécies animais e a frequência de citação, em porcentagem, são fornecidas no Quadro 2.

Quadro 1. Zoofitônimos de plantas medicinais da Caatinga de acordo com literatura consultada.

Família	Espécie	Zoofitônimos
Araceae	<i>Scaphispatha gracilis</i> Brongn.	Milho-de-cobra
Aristolochiaceae	<i>Aristolochia birostris</i> Duch.	Papo-de-peru
Cordiaceae	<i>Cordia rufescens</i> A. DC.	Grão-de-galo
Heliotropiaceae	<i>Heliotropium angiospermum</i> Murray	Crista-de-galo
	<i>Heliotropium indicum</i> L.	Cravo-de urubu, Crista-de-galo
	<i>Heliotropium transalpinum</i> Vell.	Pau-sapo
Fabaceae	<i>Acacia bahiensis</i> Benth.	Carcará
	<i>Caesalpinia bracteosa</i> Tul.	Pau-de-rato
	<i>Acacia farnesiana</i> (L.) Willd.	Unha-de-gato
	<i>Acacia paniculata</i> Willd.	Unha-de-gato
	<i>Piptadenia retusa</i> Jacq.	Unha-de-gato, Carcará
	<i>Albizia polycephala</i> Benth.	Camundongo
	<i>Bauhinia catingae</i> Ducke	Pata-de-vaca
	<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud.	Pata-de-vaca
	<i>Bauhinia dubia</i> G. Don	Pata-de-vaca
	<i>Bauhinia forficata</i> Link	Pata-de-vaca
	<i>Bauhinia pulchella</i> Benth.	Miroró-de-cabra
	<i>Bauhinia subclavata</i> Benth.	Grão-de-boi
	<i>Dimorphandra gardneriana</i> Tul.	Fava-d'anta
	<i>Galactia jussiaeana</i> Kunth.	Feijão-de-rolinha
	<i>Dioclea virgata</i> (Rich.) Amshoff	Feijão-de-boi
	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá-de-porco
	<i>Hymenaea stagnocarpa</i> Mart. ex Hayne	Jatobá-de-veado
	<i>Lachesiodendron viridiflorum</i> Kunt	Calumbi-de-boi
	<i>Desmodium procumbens</i> Mill. Hitchc	Engorda-cavalo
	<i>Chamaecrista flexuosa</i> (L.) Greene	Capim-de-cobra

ECO-REBEL

	<i>Machaerium hirtum</i> (Vell.) Stellfeld	Garrote
	<i>Macroptilium lathyroides</i> (L.) Urb.	Orelha-de-rato
	<i>Macropsychanthus grandiflorus</i> (Benth.) G.P. Lewis	Olho-de-boi
	<i>Stylosanthes humilis</i> Kunth	Capim-de-ovelha
	<i>Schnella splendens</i> (Kunth) Benth	Escada-de-macaco
	<i>Mimosa arenosa</i> (Willd.) Poir.	Jurema-unha-de-gato
	<i>Mimosa caesalpinifolia</i> Benth.	Sabiá
	<i>Mimosa velloziana</i> Mart.	Malícia-de-boi
	<i>Lonchocarpus muehlbergianus</i> Hassl	Rabo-de-bugi
	<i>Cenostigma pyramidale</i> (Tul.) Gagnon & G.P.Lewis	Catinga-de-porco
	<i>Cenostigma bracteosum</i> . (Tul.)	Catinga-de-porco
Euphorbiaceae	<i>Croton echinoides</i> Baill.	Catinga-de-porco
	<i>Acalypha multicaulis</i> Müll.Arg.	Canela-de-nambu
	<i>Euphorbia hirta</i> L.	Erva-andorinha
	<i>Euphorbia hyssopifolia</i> (L.) Small.	Porca-parideira, Burra-leiteira
	<i>Dalechampia tiliifolia</i> Lam.	Cipó-tripa-de-galinha
	<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	Cachorro-pelado
	<i>Cnidoscolus infestus</i> Pax & K.Hoffm	Urtiga-de-boi
	<i>Cnidoscolus obtusifolius</i> Pohl.	Orelha-de-onça
	<i>Croton antisiphiliticus</i> Mart.	Enxerto-de-passarinho
	<i>Croton heliotropiifolius</i> Kunth	Velame-de-bode
Annonaceae	<i>Xylopia aromatica</i> (Lam.) Mart	Pimenta-macaco
Asteraceae	<i>Vernonia polyanthes</i> Less.	Assa-peixe
	<i>Vernonanthura ferruginea</i> (Less.) H.Rob.	Assa-peixe
	<i>Vernonanthura brasiliiana</i> (L.) H.Rob.	Assa-peixe-branco
	<i>Chaptalia integerrima</i> (Vell.) Burkart	Língua-de-vaca
	<i>Vernonia polyanthes</i> (Spreng.) Less.	Assa-peixe
	<i>Verbesina diversifolia</i> DC.	Assa-peixe
	<i>Chaptalia nutans</i> (L.) Pol.	Língua-de-vaca
	<i>Vernonia aff arenaria</i> Mart. ex DC.	Lã-de-ovelha
	<i>Bidens pilosa</i> L.	Carrapicho-de-ovelha

ECO-REBEL

	<i>Porophyllum ruderale</i> (Jacq.) Cass.	Cravo-de-urubu
Lamiaceae	<i>Ocimum gratissimum</i> Lam.	Alfavaca-de-galinha
	<i>Ocimum campechianum</i> Mill.	Alfavaca-de-galinha, Favaquinha-de-galinha, Favaquinha-de-cobra
	<i>Rhaphiodon echinus</i> (Nees & Mart.) Schauer	Flor-de-urubu
Phyllanthaceae	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Pombinha
Caricaceae	<i>Jacaratia corumbensis</i> Kuntze	Mamão-de-veado
Verbenaceae	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	Mocotó
	<i>Lippia stachyoides</i> var. <i>martiana</i>	Alecrim-de-boi
Amaranthaceae	<i>Celosia argentea</i> L.	Crista-de-galo
	<i>Alternanthera pungens</i> Kunth	Periquito-de-espinho
	<i>Amaranthus viridis</i> L.	Bredo-de-porco
Nyctaginaceae	<i>Boerhavia diffusa</i> L.	Pega-pinto
	<i>Boerhavia coccinea</i> Mill.	Pega-pinto
	<i>Guapira graciliflora</i> (Mart. ex Schmidt) Lundell	Piranha
	<i>Guapira laxa</i> (Netto) Furlan	Pau-piranha
Piperaceae	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth	Língua-de-sapo
Poaceae	<i>Eleusine indica</i> (L.) Gaertn.	Pé-de-galinha
	<i>Cenchrus purpureus</i> (Schumach.) Morrone	Capim-elefante
	<i>Dactyloctenium aegyptium</i> (L.) Willd.	Mão-de-sapo
	<i>Echinocloa colonum</i> (L.) Link	Unha-de-gato
	<i>Eleusine coracana</i> (L.) Gaertn.	Capim-de-galinha
Anacardiaceae	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott	Mata-cachorra
Malvaceae	<i>Sida cordifolia</i> L.	Malva-de-jegue, Mela-bode
	<i>Herissantia crispa</i> (L.) Brizicky	Mela-bode
	<i>Herissantia tiubae</i> (K.Schum.) Brizicky	Mela-bode
	<i>Luehea candicans</i> Mart.	Açoita-cavalo, Açoita-cavalo-verdadeiro, Açoita-cavalo-branco
	<i>Triumfetta semitriloba</i> Jacq.	Carrapicho-de-boi
Bromeliaceae	<i>Bromelia plumieri</i> (É.Morren) L.B.Sm.	Banana-de-raposa
	<i>Dyckia spectabilis</i> (Mart. ex Schult. & Schult.f.) Baker	Macambira-de-boi
	<i>Tillandsia loliacea</i> Mart. ex Schult. & Schult.f.	Barba-de-bode, Barba-de-bode-pequeno

ECO-REBEL

	<i>Tillandsia recurvata</i> L.	Barba-de-bode-pequeno
	<i>Tillandsia streptocarpa</i> Baker	Barba-de-bode-grande
Apocynaceae	<i>Allamanda blanchetii</i> A.DC.	Pente-de-macaco
	<i>Allamanda puberula</i> A.DC.	Cunhão-de-porco
	<i>Himatanthus bracteatus</i> (A. DC.) Woodson	Banana-de-papagaio
	<i>Matelea nigra</i> (Decne.) Morillo & Fontella	Cunhão-de-bode
	<i>Tabernaemontana albiflora</i> (Miq.) Pulle	Burra-leiteira
Alismataceae	<i>Echinodorus subalatus</i> (Mart.) Griseb.	Língua-de-vaca
Marantaceae	<i>Maranta divaricata</i> Roscoe	Cana-de-macaco
	<i>Maranta gibba</i> J.E.Smith	Cana-de-macaco
Rubiaceae	<i>Chiococca alba</i> (L.) Hitchc.	Caninana
	<i>Diodia teres</i> Walter	Erva-de-ovelha
	<i>Uncaria tomentosa</i> (Willd. ex Roem. & Schult.) DC.	Unha-de-gato
Bignoniaceae	<i>Jacaranda irwinii</i> A.H.Gentry	Cipó-de-caititu
	<i>Jacaranda jasminoides</i> (Thunb.) Sandwith	Chifre-de-carneiro
Cactaceae	<i>Arrojadoa rhodantha</i> (Gürke) Britton & Rose	Rapo-de-raposa
	<i>Cereus albicaulis</i> (Britton & Rose) Luetzelb.	Rabo-de-raposa
	<i>Cereus jamacaru</i> DC.	Mandacaru-de-boi
	<i>Harrisia adscendens</i> (Gürke) Britton & Rose	Rabo-de-raposa
	<i>Opuntia ficus-indica</i> (L.) Mill.	Palma-de-gado
Phytolaccaceae	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Gambá
Loasaceae	<i>Loasa rupestris</i> Gardner	Urtiga-de-mocó, Mocó
Malpighiaceae	<i>Banisteriopsis cristata</i> (Griseb.) Cuatrec.	Esterco-de-passarinho
	<i>Heteropterys caducibracteata</i> W.R.Anderson	Nó-de-cachorra
Velloziaceae	<i>Vellozia tubiflora</i> (A.Rich.) Kunth	Canela-de-ema
Plantaginaceae	<i>Angelonia pubescens</i> Benth.	Orelha-de-rato
Polygonaceae	<i>Polygonum acre</i> Kunth	Erva-de-bicho
Cyperaceae	<i>Bulbostylis conifera</i> (Kunth) C.B.Clarke	Capim-de-lagartixa
	<i>Cyperus compressus</i> L.	Barba-de-bode
	<i>Cyperus uncinulatus</i> Schrad. ex. Nees	Barba-de-bode

ECO-REBEL

	<i>Fimbristylis vahlii</i> (Lam.) Link	Barba-de-bode
Violaceae	<i>Pombalia calceolaria</i> (L.) Paula-Souza	Pulga-do-campo
Passifloraceae	<i>Passiflora cincinnata</i> Mast.	Maracujá-boi
Combretaceae	<i>Terminalia glabrescens</i> Mart.	Catinga-de-porco
Talinaceae	<i>Talinum paniculatum</i> (Jacq.) Gaertn.	Língua-de-vaca
	<i>Talinum fruticosum</i> (L.) Juss.	Língua-de-vaca
Convolvulaceae	<i>Ipomoea asarifolia</i> (Desr.) Roem. & Schult.	Batata-de-boi
	<i>Jacquemontia tamnifolia</i> (L.) Griseb.	Amarra-cachorro
	<i>Operculina hamiltonii</i> (G.Don) D.F.Austin & Staples	Batata-de-teiú, Purga-de-lagarto
Capparaceae	<i>Cynophalla flexuosa</i> (L.) J.Presl	Feijão-de-boi
	<i>Cynophalla hastata</i> (Jacq.) J.Presl	Feijão-de-boi
Salicaceae	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	Pau-de-teiú
Acanthaceae	<i>Stenandrium pohlii</i> Nees	Berdoégua
Solanaceae	<i>Capsicum parvifolium</i> Sendtn.	Pimenta-passarinho
	<i>Solanum nigrum</i> L.	Pimenta-de-passarinho
Chrysobalanaceae	<i>Couepia impressa</i> Prance	Bafo-de-boi
Lygodiaceae	<i>Lygodium volubile</i> Sw.	Feijão-de-lambu
Rutaceae	<i>Ertela trifolia</i> (L.) Kuntze	Alfavaca-de-cobra
Krameriaceae	<i>Krameria tomentosa</i> A.St.-Hil.	Carrapicho-de-bode, Carrapicho-de-cavalo
Smilacaceae	<i>Smilax hilariana</i> A.DC.	Jacaré, Catana-de-jacaré

ECO-REBEL

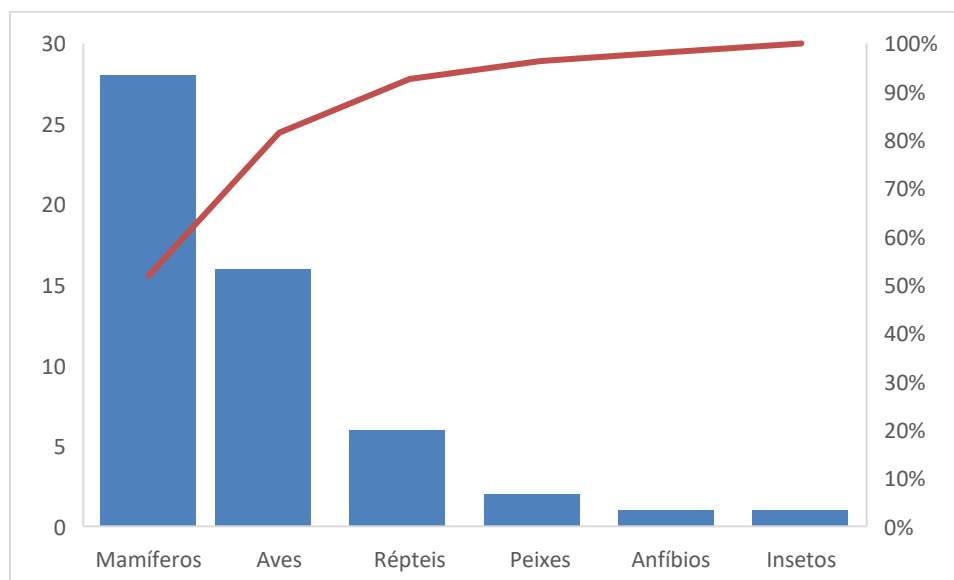


Figura 1. Zoônimos presentes na formação dos fitônimos de plantas medicinais da Caatinga, distribuídos segundo o grupo animal a que pertencem.

Fonte: os autores.

Quadro 2. Zoônimos presentes na formação dos fitônimos de espécies botânicas de uso medicinal na região semiárido brasileira, distribuídos segundo seus nomes comuns, referentes taxonômicos e frequência de citação.

Zoônimos		Citação (%)
Nome comum	Referente taxonômico	
Aves		
Andorinha	Hirundinidae	0,6
Carcará	<i>Caracara plancus</i> (Miller, 1777)	1,3
Ema	<i>Rhea americana</i> (Linnaeus, 1758)	0,6
Galinha	<i>Gallus gallus domesticus</i> (Linnaeus, 1758)	4,1
Galo	<i>Gallus gallus domesticus</i> (Linnaeus, 1758)	2,7
Lambu	<i>Crypturellus</i> sp.	0,6
Nambu	<i>Crypturellus</i> sp.	0,6
Papagaio	<i>Amazona</i> sp.	0,6
Passarinho	Passeriformes	2,7
Periquito	Psittacidae	0,6
Peru	<i>Meleagris gallopavo</i> Linnaeus, 1758	0,6
Pinto	<i>Gallus gallus domesticus</i> (Linnaeus, 1758)	1,3
Pombinha	Columbidae	0,6
Rolinha	Columbidae	0,6
Sabiá	<i>Turdus</i> sp.	0,6
Urubu	<i>Coragyps atratus</i> (Bechstein, 1793)	2,0
Répteis		
Caninana	<i>Spilotes pullatus</i> (Linnaeus, 1758)	0,6
Cobra	Squamata	2,7

ECO-REBEL

Jacaré	<i>Caiman</i> sp.	1,3
Lagartixa	Gekkonidae	0,6
Lagarto	Squamata	0,6
Teiú	<i>Salvator merianae</i> (Duméril & Bibron, 1839)	1,3
Insetos		
Pulga	Siphonaptera	0,6
Anfíbios		
Sapo	Bufo	2,0
Mamíferos		
Anta	<i>Tapirus terrestris</i> (Linnaeus, 1758)	0,6
Bode	<i>Capra aegagrus</i> Erxleben, 1777	8,9
Boi	<i>Bos taurus</i> Linnaeus, 1758	10,2
Bugio	<i>Alouatta</i> sp.	0,6
Burra	<i>Equus caballus</i> x <i>Equus asinus</i>	1,3
Cabra	<i>Capra aegagrus</i> Erxleben, 1777	0,6
Cachorra	<i>Canis lupus familiaris</i> Linnaeus, 1758	1,3
Cachorro	<i>Canis lupus familiaris</i> Linnaeus, 1758	1,3
Caititu	<i>Dicotyles tajacu</i> (Linnaeus, 1758)	0,6
Camundongo	<i>Mus musculus</i> Linnaeus, 1758	0,6
Carneiro	<i>Ovis aries</i> Linnaeus, 1758	0,6
Cavalo	<i>Equus caballus</i> Linnaeus, 1758	3,4
Égua	<i>Equus caballus</i> Linnaeus, 1758	0,6
Elefante	<i>Loxodonta</i> sp.	0,6
Gambá	<i>Conepatus semistriatus</i> (Boddaert, 1785)	0,6
Garrote	<i>Bos taurus</i> Linnaeus, 1758	0,6
Gato	<i>Felis catus</i> (Linnaeus, 1758)	4,1
Jegue	<i>Equus africanus asinus</i> Linnaeus, 1758	0,6
Macaco	Primates	3,4
Mocó	<i>Kerodon rupestris</i> (Wied-Neuwied, 1820)	1,3
Onça	<i>Panthera onca</i> (Linnaeus, 1758)	0,6
Ovelha	<i>Ovis aries</i> Linnaeus, 1758	2,7
Porca	<i>Sus scrofa domesticus</i> Linnaeus, 1758	0,6
Porco	<i>Sus scrofa domesticus</i> Linnaeus, 1758	4,7
Raposa	Canidae	2,7
Rato	Muridae	2,0
Vaca	<i>Bos taurus</i> Linnaeus, 1758	6,1
Veado	<i>Subulo gouzoubira</i> G. Fischer, 1814	1,3
Peixes		
Peixe	Osteichthys	3,4
Piranha	<i>Serrasalmus</i> sp.	1,3

Entre as classes de animais mais citadas, os mamíferos se destacam amplamente contribuindo com 96 zoofitônimos. As referências a boi, vaca, porco, bode, cavalo e outros animais domesticados demonstram uma íntima relação entre os usos populares das plantas e o cotidiano das populações do semiárido, em especial com as práticas agropecuárias. Termos como pata-de-vaca, erva-de-boi, macambira-de-bode, entre outros, exemplificam essa integração entre o simbólico, o utilitário

e o ambiente natural. As aves são o segundo grupo, somando 31 zoofitônimos. Nomes como papo-de-peru, grão-de-galo, cravo-de-urubu e canela-de-nambu evidenciam o papel observacional da cultura popular, seja pela semelhança visual com estruturas corporais de aves, seja por associações com hábitos dessas espécies ou por suas presenças frequentes no imaginário regional. Em seguida, aparecem os répteis com 11 ocorrências, como em milho-de-cobra, erva-de-lagartixa e batata-de-teiú. Esses nomes muitas vezes fazem alusão ao formato da planta, à textura das folhas ou a propriedades medicinais associadas a esses animais, que habitam o mesmo ecossistema da Caatinga.

Outras classes aparecem com menor frequência. Os anfíbios possuem três zoofitônimos registrados (língua-de-sapo, mão-de-sapo e pau-sapo), enquanto os peixes são representados por sete ocorrências (o genérico peixe, em assa-peixe, além de piranha e pau-piranha); os insetos figuram com apenas um zoofitônimo: pulga-do-campo.

A investigação da nomenclatura popular a nomes relacionados ao universo zoológico, como bicho, gado e mocotó. O primeiro é um nome generalizado para animal e usado na constituição do nome comum dado a *Polygonum acre* Kunth: erva-de-bicho. Gado é o coletivo utilizado para se referir a rebanho de animais domésticos, especialmente bovinos. O lexema aparece no binômio palma-de-gado, que denomina uma espécie de cactácea forrageira: *Opuntia ficus-indica* (L.) Mill. Já o lexema Mocotó se refere à pata de bovino, sem o casco, utilizada como alimento. *Stachytarpheta cayennensis* (Rich.) Vahl

Além dos referentes animais, 18 partes corporais também são usadas na formação de zoofitônimos (Figura 2). Por exemplo, o termo mocotó, que se refere à pata de bovino, sem o casco, utilizada como alimento, é o zoofitônimo de *Stachytarpheta cayennensis* (Rich.) Vahl.

ECO-REBEL

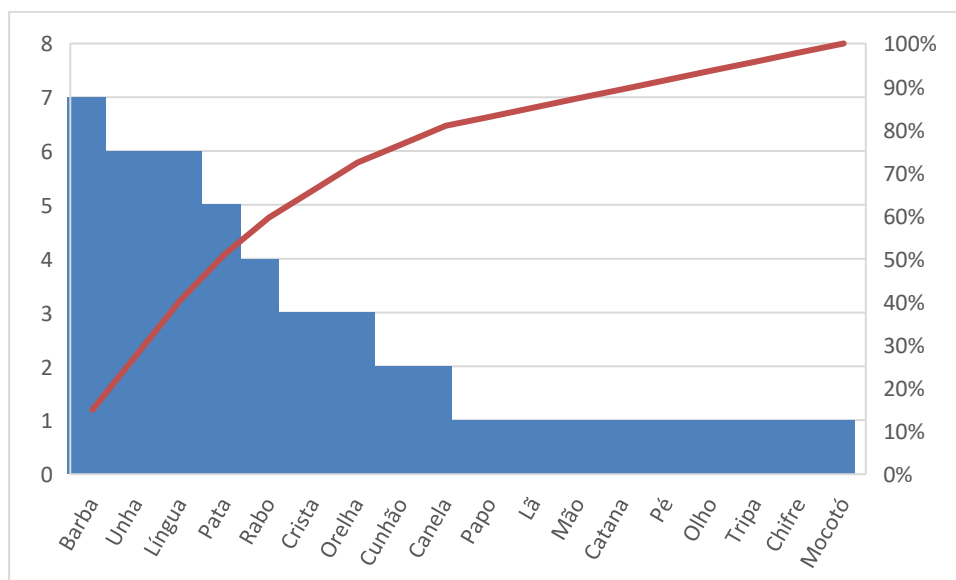


Figura 2. Distribuição do quantitativo de partes corporais dos animais que compõem os zoofitônimos segundo os nomes usados na literatura consultada.

A análise dos nomes populares das plantas revela uma complexa e rica relação entre os saberes tradicionais, o ambiente e os aspectos ecológicos e culturais associados a cada espécie. Embora o documento não explicita diretamente o habitat nem os aspectos ecológicos das plantas listadas, os nomes populares fornecem pistas valiosas sobre esses elementos, permitindo inferências baseadas na etnobotânica e na ecologia simbólica. Em relação ao habitat, muitos nomes fazem alusão direta ou indireta ao ambiente natural em que as plantas ocorrem. Termos como “capim-de-cobra”, “milho-de-cobra” e “pau-sapo” evocam paisagens abertas, com vegetação rasteira, características de regiões como a Caatinga e o Cerrado. A presença de nomes como “caatinga-de-porco” evidencia uma conexão direta com o bioma da Caatinga, o que sugere que o conhecimento local reconhece essas espécies como típicas ou abundantes nesse tipo de vegetação seca. Por outro lado, nomes como “cavalinha” (*Equisetum giganteum*), associados a plantas de ambientes úmidos e brejosos, demonstram que o conhecimento vernacular também reconhece diferentes nichos ecológicos e adaptações das espécies a esses ambientes. Já “pé-de-galinha” (*Eleusine indica*) é uma planta comumente associada a solos perturbados, como áreas de pasto ou terrenos agrícolas, evidenciando sua relação com habitats antrópicos.

Do ponto de vista da ecologia trófica, os nomes populares trazem referências claras a interações ecológicas ou a aspectos simbólicos relacionados à fauna. Espécies como “feijão-de-rolinha”, “grão-de-galo” e “grão-de-boi” remetem à alimentação animal, indicando que essas plantas

provavelmente têm sementes ou frutos consumidos por determinadas espécies, ou que apresentam aspectos morfológicos associados ao tipo de alimento oferecido. Outros nomes, como “enxerto-de-passarinho”, “orelha-de-rato” e “língua-de-sapo”, apontam para uma construção linguística que associa a planta a características físicas ou comportamentais de animais, revelando um conhecimento empírico que une observações botânicas e zoológicas de forma simbólica.

A repetição de nomes populares em diferentes espécies e até mesmo em diferentes famílias é um fenômeno significativo. A família Fabaceae, por exemplo, apresenta múltiplas espécies com o nome “unha-de-gato”, como *Acacia farnesiana*, *Acacia paniculata*, *Piptadenia retusa* e *Mimosa arenosa*. Esse nome popular se justifica por características morfológicas comuns a essas espécies, como galhos espinhosos e recurvados que lembram garras ou unhas felinas. Da mesma forma, o nome “pata-de-vaca” aparece em diversas espécies do gênero *Bauhinia*, como *B. cattingae*, *B. cheilantha*, *B. dubia* e *B. forficata*, todas com folhas bífidas que lembram a fenda dos cascos bovinos. A recorrência desses nomes dentro da mesma família, ou mesmo dentro de um único gênero, evidencia uma tradição classificatória popular que valoriza elementos visuais marcantes das plantas para nomeá-las.

Por outro lado, também há casos de repetição de nomes populares entre famílias diferentes. A expressão “crista-de-galo” aparece tanto em *Heliotropium angiospermum*, da família Heliotropiaceae, quanto em *Celosia argentea*, da família Amaranthaceae. Esse nome é derivado do formato das inflorescências dessas plantas, que se assemelham à crista de um galo. A semelhança visual entre plantas de famílias distintas, somada à ausência de uma taxonomia científica nas comunidades tradicionais, favorece esse tipo de convergência na nomeação. Outro caso interessante de nomes recorrentes aparece entre espécies de diferentes famílias que compartilham o nome “catinga-de-porco”, como *Croton echiodides* (Euphorbiaceae) e *Cenostigma bracteosum* (embora atualmente classificada em Fabaceae). Esse nome pode refletir o cheiro forte, o ambiente em que são encontradas ou mesmo o uso da planta em pastoreio ou manejo de animais. A repetição do nome “jatobá-de-porco” e “jatobá-de-veado” em duas espécies do gênero *Hymenaea* indica uma tentativa popular de diferenciar espécies próximas com base em preferências ou relações com determinados animais.

Além das associações morfológicas, simbólicas e ecológicas, muitos zoofitônimos identificados no levantamento também incorporam verbos de ação, revelando dimensões funcionais ou comportamentais na nomeação popular das plantas (Quadro 3). Esses verbos destacam o modo

ECO-REBEL

como as comunidades interpretam a interação entre a planta, o animal e o uso humano, e refletem ações atribuídas ou evocadas pelas características da espécie. Entre os verbos identificados destacam-se:

Quadro 3. Verbos de ação utilizados na formação de zoofitônimos de espécies botânicas de uso medicinal na região semiárido brasileira.

Verbo	zoofitônimo	Espécie	Explicações possíveis
Amarrar	Amarra-cachorro	<i>Jacquemontia tamnifolia</i> , Convolvulaceae	Provavelmente em alusão ao hábito trepador da planta ou seu uso em amarrações improvisadas no ambiente rural.
Assar	Assa-peixe	<i>Vernonia polyanthes</i> , Asteraceae	Pode se referir ao uso da planta para envolver peixes em preparações culinárias ou medicinais.
Engordar	Engorda-cavalo	<i>Desmodium procumbens</i> , Fabaceae	Associado ao uso da planta como forragem para animais, especialmente equinos.
Melar	Mela-bode	<i>Sida cordifolia</i> , Malvaceae	Pode estar relacionada à textura pegajosa da planta ou a efeitos fisiológicos (como laxativos).
Pegar	Pega-pinto	<i>Boerhavia diffusa</i> , Nyctaginaceae	Sugere uma característica pegajosa da planta ou sua presença em locais frequentados por pintos e galinhas.
Açoitar	Açoita-cavalo	<i>Luehea candicans</i> , Malvaceae	Possivelmente ligado à flexibilidade dos galhos, utilizados como varas ou chicotes.
Matar	Mata-cachorra	<i>Astronium fraxinifolium</i> , Anacardiaceae	Pode indicar propriedades tóxicas da planta.

Esses verbos ampliam o entendimento sobre a maneira como o conhecimento tradicional codifica usos, efeitos ou aspectos comportamentais das plantas em seus nomes. Tal construção linguística, baseada na ação, demonstra uma relação dinâmica entre linguagem, prática e ecologia no cotidiano das populações do semiárido.

Além dos verbos de ação, observam-se também outras categorias de nomes populares que reforçam a dimensão simbólica, ecológica e funcional do conhecimento tradicional sobre as plantas. Três grupos de destaque são: nomes que remetem a objetos antrópicos, zoofitônimos relacionados à alimentação animal e nomes associados a aspectos fisiológicos. Os zoofitônimos que remetem a objetos de origem antrópica, geralmente em referência à forma da planta ou à sua associação

simbólica com ferramentas ou utensílios do cotidiano, são Escada-de-macaco (*Schnella splendens*, Fabaceae) e Pente-de-macaco (*Allamanda blanchetii*, Apocynaceae).

Exemplos de zoofitônimos que indicam o uso alimentar de recursos vegetais pelos animais são: Bredo-de-porco (*Amaranthus viridis*, Amaranthaceae), Fava-d'anta (*Dimorphandra gardneriana*, Fabaceae) e Velame-de-bode (*Croton heliotropiifolius*, Euphorbiaceae). E como exemplos de nomes relacionados a aspectos fisiológicos dos animais, temos: Burra-leiteira (*Euphorbia hyssopifolia*, Euphorbiaceae; *Tabernaemontana albiflora*, Apocynaceae); Porca-parideira (*E. hyssopifolia*), Bafo-de-boi (*Couepia impressa*, Chrysobalanaceae) e Catinga-de-porco (*Cenostigma bracteosum*, Fabaceae; *Croton echiodes*, Euphorbiaceae).

Esses exemplos demonstram como o saber etnobotânico vai além da simples nomeação e se ancora em experiências sensoriais, observações fisiológicas e relações de uso direto com a fauna e com o cotidiano humano.

Quanto ao uso de nomes comuns na educação e divulgação científica, deve-se “registrar e documentar variantes locais e indicar o nome científico aceito (incluindo autor e ano)” (DA-SILVA, 2025b, p. 131).

De forma geral, zoofitônimos carregam sentidos culturais, ecológicos e medicinais, funcionando como marcadores cognitivos que preservam saberes populares locais, além de apoiar o reconhecimento de espécies e práticas comunitárias de manejo (SANTOS *et al.*, 2024). Esse corpus mnemônico – conjunto de saberes, práticas e ritos associados às plantas – é transmitido especialmente pela oralidade, passando literalmente de boca em boca, pulando de mente a mente, comunicando e revelando aspectos da cultura local de cada povo, de cada região. Neste sentido, “a folkcomunicação vegetal mostra que o conhecimento não precisa ser escrito para ser verdadeiro, nem científico para ser eficaz. Ela é, ao mesmo tempo, cura, metáfora e memória” (DA-SILVA, 2025a, p. 80).

4. Considerações finais

De modo geral, a análise revela que os nomes populares das plantas são construções simbólicas e ecológicas que refletem o saber tradicional acumulado pelas comunidades locais. Os nomes populares estão diretamente relacionados ao modo como as pessoas percebem, interagem e utilizam os recursos naturais ao seu redor, refletindo tanto o conhecimento prático quanto o simbólico. Esses nomes podem expressar aspectos morfológicos das plantas, como suas folhas,

flores e frutos; suas interações com a fauna; suas propriedades medicinais; ou mesmo suas aplicações econômicas e culturais.

Além disso, é comum que uma mesma planta receba nomes diferentes em regiões distintas, ou que plantas diferentes recebam o mesmo nome em virtude de similaridades percebidas localmente. Essa polissemia e ambiguidade fazem parte da dinâmica dos sistemas de nomeação populares e são indicativas da riqueza e da complexidade do conhecimento etnobotânico tradicional.

Em síntese, os nomes populares analisados neste documento revelam um panorama vasto e significativo do conhecimento ecológico e simbólico das comunidades humanas sobre as plantas, especialmente no contexto do semiárido e de ecossistemas associados. A repetição de nomes dentro e entre famílias, bem como a relação com elementos do habitat e com animais, demonstra que a etnobotânica é um campo fértil para compreender não só o uso das plantas, mas também a forma como os seres humanos se relacionam afetiva, simbólica e utilitariamente com o ambiente natural que os cerca.

Ao mesmo tempo, esses dados podem contribuir de maneira expressiva para a educação ambiental, ao promover o reconhecimento das plantas nativas e de seus significados culturais como parte essencial do aprendizado sobre o meio ambiente. Incorporar o conhecimento etnobotânico em práticas pedagógicas permite aproximar ciência e tradição, estimulando uma visão crítica e sensível sobre a conservação dos ecossistemas da Caatinga.

Além disso, a documentação e valorização dos nomes populares reforçam a importância dos saberes tradicionais como patrimônio imaterial das comunidades locais, fortalecendo o vínculo entre conhecimento empírico e identidade cultural. Esse processo de reconhecimento contribui também para a conservação do patrimônio biocultural, uma vez que o conhecimento sobre as plantas e seus usos está intimamente associado à manutenção da biodiversidade e das práticas culturais sustentáveis.

Por fim, ao evidenciar a riqueza e a singularidade dos saberes sobre a flora do semiárido, este estudo contribui para o fortalecimento da identidade regional das comunidades da Caatinga brasileira, valorizando sua memória, suas práticas e suas formas próprias de interpretar o ambiente. Assim, os resultados aqui apresentados não apenas ampliam a compreensão científica sobre a diversidade de nomes e usos das plantas, mas também oferecem subsídios para ações integradas de educação, conservação e valorização cultural no contexto do semiárido nordestino.

Agradecimentos

Os autores agradecem às sugestões dadas pelo Dr. Alisson José Oliveira Duarte para melhoria textual; à Pró-Reitoria de Extensão da UEFS pela bolsa de extensão cedida à primeira autora.

Referências

ALBUQUERQUE, U. P.; SOUSA ARAÚJO, T. A.; RAMOS, M. A.; NASCIMENTO, V. T.; LUCENA, R. F. P.; MONTEIRO, J. M.; ALENCAR, N. L.; LIMA ARAÚJO, E. How ethnobotany can aid biodiversity conservation: reflections on investigations in the semi-arid region of NE Brazil. *Biodiversity and Conservation*, v. 18, n. 1, 2009, p. 127-150.

CONSTANT, N. L.; TSHISIKHAWA, M. P. Hierarchies of knowledge: ethnobotanical knowledge, practices and beliefs of the Vhavenda in South Africa for biodiversity conservation. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, v. 14, n. 1, 2018, p. 56.

COSTA NETO, E. M. Análise semântica dos nomes comuns atribuídos às espécies de Passiflora (Passifloraceae) no Estado da Bahia, Brasil. *Neotropical Biology and Conservation*, v. 3, n. 2, 2008, p. 86-94.

DA-SILVA, E. R. Trem de folhas: breve ensaio sobre folkcomunicação e etnobotânica dos produtos vegetais em comércios e nas crenças populares. *Barbante*, v. 13, n. 119, 2025a, p. 75-81.

DA-SILVA, E. R. Zoonímia popular em Lebiasinidae: uma revisão crítica a partir da zoologia cultural. *A Bruxa*, v. 9, n. 10, 2025b, p. 125-134.

DRUKER-IBÁÑEZ, S.; CÁCERES-JENSEN, L. Integration of indigenous and local knowledge into sustainability education: a systematic literature review. *Environmental Education Research*, v. 28, n. 8, 2022, p. 1209-1236.

FERRARI, P. A.; ZANK, S.; HANAZAKI, N. Unraveling sustainability in Brazilian ethnobotany: an analysis of the sustainable development goals (SDGs). *Economic Botany*, v. 78, n. 2, 2024, p. 197-216.

MARSANDI, F.; SUTADJI, E.; KUNTADI, I.; RIZAL, F.; NUR RAHMA, A. B.; FAJRI, H. Integrating ethnobotany and Indigenous knowledge into higher education curricula: insights from a global biobliometric analysis. *Ethnobotany Research and Applications*, v. 30, 2025. Disponível em: <<https://ethnobotanyjournal.org/index.php/era/article/view/6622>>. Acesso em: 22 set. 2025.

NAJEM, M.; NASSIRI, L.; EL MDERSSA, M.; IBIJBIJEN, J. Originality and meaning of the vernacular names of medicinal plants common in the central Middle Atlas – Morocco. *Ethnobotany Research and Applications*, v. 29, 2024. Disponível em: <<https://ethnobotanyjournal.org/index.php/era/article/view/6127>>. Acesso em: 22 set. 2025.

NUNES, A. T.; PAIVADE LUCENA, R. F.; FERREIRA DOS SANTOS, M. V.; ALBUQUERQUE, U. P. Local knowledge about fodder plants in the semi-arid region of Northeastern Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, v. 11, n. 1, 2015, p. 12.

OTTO, S.; PENSINI, P. Nature-based environmental education of children: environmental knowledge and connectedness to nature, together, are related to ecological behaviour. *Global Environmental Change*, v. 47, 2017, p. 88-94.

RAI, M.; ACHARYA, D.; RÍOS, J. L. *Ethnomedicinal plants*. Revitalization of traditional knowledge of herbs. Boca Raton: Science publ. CRC Press, 2011.

SANTANA, C. M. B.; SANTOS CALEGARI, A.; CARVALHO, G. S.; SOARES, J. P. R.; ALMEIDA, E. A. E.; JORGE, J.; FRANZOLIN, F. Local biodiversity: students' interests and perceptions, and teaching materials. *International Journal of Science Education*, v. 46, n. 9, 2024, p. 893-912.

SANTOS, M. C. D. R.; COSTA NETO, E. M.; ARAÚJO, G. P. D. Isso é um animal ou uma planta? Fitonímia referente a animais: abordagem ecolinguística. In: BOZZO, G. C. B. (ed.). *Linguística, Letras e Artes: Descrição, análise e práticas sociais 5*. 1. ed. Ponta Grossa: Atena Editora, 2023. p. 40-65.

SANTOS, M. C. R.; COSTA NETO, E. M.; SANTOS, P. S. N.; ARAÚJO, G. P.; ANDRADE, C. T. da S. Fitozoônimos associados a espécies de Myrtaceae, Solanaceae e Poaceae na Bahia. *Ecolinguística: Revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)*, v. 10, n. 1, 2024, p. 71-86.

TURNER, N. J.; CUERRIER, A.; JOSEPH, L. Well grounded: Indigenous peoples' knowledge, ethnobiology and sustainability. *People and Nature*, v. 4, n. 3, 2022, p. 627-651.

VERAWATI, N. N. S. P.; WAHYUDI, W. Raising the issue of local wisdom in science learning and its impact on increasing students' scientific literacy. *International Journal of Ethnoscience and Technology in Education*, v. 1, n. 1, 2024, p. 42.

ZAMUDIO, F.; HILGERT, N. I. Multi-Dimensionality and variability in folk classification of stingless bees (Apidae: Meliponini). *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, v. 11, n. 1, 2025, p. 41.

Aceito em 10 de janeiro de 2026.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 12, N. 1, 2026.